

# 1

Tinha quatro ou cinco anos quando o mundo ganhou vida à sua volta, quando tomou consciência de que, em seu redor, se representava uma cena real, interpretada por vários seres humanos que ele conseguia distinguir entre si e situar no espaço, num cenário particular. Mais tarde, não seria capaz de definir se acontecera no verão ou no inverno, ainda que, na altura, já fosse sensível à mudança das estações. O mais provável era que tivesse sido no outono, porque uma fina película de vapor embaciava a janela sem cortinado e a luz amarelada do bico de gás em frente, única a iluminar o quarto, lhe parecia húmida.

Teria dormido? Sentia o corpo quente por baixo do cobertor. Nenhum ruído invulgar o acordara em sobressalto. Ouvira tão-somente, por detrás da cortina, que não era mais do que um velho resto de lençol suspenso num varão, essa respiração ofegante que já lhe era familiar, entrecortada por gemidos e pelo esporádico rangido das molas da cama. Era a mãe dele quem ali dormia, quase sempre acompanhada. Depois, do mesmo lado do lençol onde ele se encontrava, esse lençol que fazia as vezes de um tabique, também estava Vladimir e, a seguir, Alice, os gémeos, ele próprio, cada um na sua enxerga de palha, e, por fim, encostada à parede, a bebé, no seu berço de ferro com grades.

Vladimir já era grande, tinha pelo menos onze anos e meio, senão mais. Alice devia ter nove, e os gémeos, ambos ruivos e com sardas por baixo dos olhos, teriam uns sete.

As enxergas de palha, encostadas umas às outras diretamente sobre o chão, cheiravam a feno bafiento. Havia outros odores dominantes, que eram os da habitação deles, do seu universo particular, a que se acrescentavam os odores da casa inteira e, quando se abria a janela, os odores que vinham da rua. Ele tinha aberto os olhos, não por curiosidade, mas porque estava acordado. Reconhecera os reflexos que o bico de gás projetava no teto e à transparência da cortina de separação. Ouvira vagamente a respiração ofegante e, aos poucos, distinguira a silhueta de Vladimir, de camisa, os joelhos apoiados na enxerga, espiando a cena por um buraco que havia no lençol.

Louis não ficou surpreendido, ou curioso. Tudo aquilo lhe era familiar, como se já o tivesse vivido muitas vezes sem o saber. Só que, pela primeira vez, as imagens, os sons combinavam-se, formando um todo que possuía um sentido.

“Alice!”, sussurrara Vladimir, virando-se para a sua irmã.

“O que é?”

“Estás a dormir?”

“Quase.”

“Olha...”

Também ela tinha apenas a camisa sobre o corpo. Ninguém usava roupa de dormir e todos se deitavam, à noite, com a mesma camisa que usavam durante o dia.

“O quê?”

Vladimir chamou-a para a sua enxerga, e, de joelhos, ela espreitou também. Os gémeos não se mexiam, continuando a respirar de forma cadenciada. Émilie, a bebé de seis meses, ainda não contava, deitada no seu berço de grades onde os irmãos, por sua vez, já tinham dormido. Ele ouviu de novo a voz abafada, porém perceptível, de Vladimir, ordenando:

“Faz-me o mesmo.”

“E tu fazes-me o mesmo a mim, depois?”

Vladimir tinha-se deitado, com a camisa arregaçada acima do ventre.

“Cuidado com os dentes.”

Louis ficara tão pouco emocionado, tão pouco surpreendido, que voltara a adormecer. Quando, pela segunda vez, emergira do

seu sono, Vladimir e Alice pareciam estar a dormir, os gémeos continuavam imóveis, mas o candeeiro de querosene estava aceso na cozinha cuja porta permanecia aberta. Dela libertava-se um odor a café regado de álcool. Duas pessoas conversavam em voz baixa.

Não se passava o mesmo em todas as habitações, todas as casas, todas as famílias?

A avó dele assinalara um dia:

“O Louis ainda mal sabe falar. Deve ser um pouco atrasado.”

Ele já não sabia quem fora que lhe tinha respondido:

“Talvez não pense menos do que os outros. São muitas vezes essas crianças as que mais observam.”

Ele não tomara atenção, porque não sabia o que isso significava, mas, por uma razão qualquer, as palavras tinham-lhe ficado gravadas na memória. Guardara outras, sobretudo imagens, porque, ainda que estivesse atrasado, não vivera até aos seus quatro anos sem nada ver do que existia à sua volta.

No entanto, era como se tivesse querido reduzir o mundo a um espaço tão restrito quanto possível.

“Se o deixássemos fazer o que quer, este miúdo nunca sairia de casa.”

Será que ele ouvira esta observação, ou ter-lhe-ia sido repetida mais tarde? Não é fácil distinguir o que realmente aconteceu num determinado momento do que nos foi contado depois.

Aquilo de ele que tinha a certeza, apesar da luz difusa que vinha do exterior, era que o buraco no velho lençol de cama pendurado, e a história de Vladimir e da sua irmã, faziam parte da vida real. Vira o irmão e a irmã a fazerem o mesmo, mais tarde, em pleno dia, sem se preocuparem com a presença dele.

Tinha havido um pai lá em casa, um homem que se chamava Heurteau, Lambert Heurteau, que ele não tinha conhecido a não ser por fotografia, a única afixada na parede do quarto. Nela, Heurteau aparecia de pé, vestido de uma forma estranha, ao lado da sua mãe, que estava vestida de branco, com um véu.

Lambert Heurteau não era o pai de todos. Que idade tinha ele quando descobriu que, na maior parte das famílias, todas as crian-

ças eram filhas do mesmo pai? Na casa deles, não era assim. Nem na de muitas outras famílias da Rue Mouffetard, onde eles viviam.

A sua mãe chamava-se Gabrielle Heurteau, e o seu nome de solteira era Cuchas. Quanto ao filho mais velho, o seu verdadeiro nome era Joseph Heurteau, mas só muito mais tarde é que Louis percebeu, quando começou a ir à escola, por que razão lhe chamavam Vladimir.

O apelido de Alice também era Heurteau.

“Esta é difícil de perceber com quem é parecida. Mas basta olhar-lhe para os olhos e para o nariz pontiagudo para saber que vai chegar longe.”

“A menos que se ponha a empurrar uma pequena carreta pela rua, como fizeram a mãe e a avó.”

Os gémeos também eram Heurteau.

“São os únicos que ele nunca poderia renegar!”

Porque é que Louis se chamava Cuchas e não tinha conhecido o homem do retrato?

Ninguém parecia dar importância ao facto e, durante anos, ele também não deu. Mais tarde, quando soube, foi-lhe indiferente.

Aquilo que, numa primeira fase, constituiu o centro das suas preocupações foram as duas divisões onde eles viviam, nomeadamente, o quarto e a cozinha. Durante o dia, encostava-se à parede o lençol de separação, munido de argolas de couro, revelando, à esquerda da janela, uma cama muito alta, em madeira de nogueira, com os seus dois colchões, a sua colcha e o seu enorme edredão.

A imagem era nebulosa, mas Louis teria sido capaz de jurar que vira a sua mãe, naquela cama, rodeada de outras mulheres, e que ela tinha gritado muito enquanto o retinham a ele na cozinha, onde, por fim, alguém lhe viera mostrar um bebé feíssimo, anunciando-lhe que ganhara uma nova irmã.

A avó também estivera presente. Para ele, era uma mulher velha e muito gorda a quem toda a gente chamava Ernestine.

Teria nascido, também ele, naquela cama de nogueira, e mamado dos seios da sua mãe, como vira Émilie fazer? Ninguém dizia

Émilie. Ele tinha levado muito tempo a aprender o nome dela. Dizia-se simplesmente “a pequena”, tal como se dizia “os gémeos”.

“Vocês, os gémeos, deixem a pequena em paz e vão brincar lá para fora.”

Só muito mais tarde, já adulto, é que Louis recordaria outras imagens que não tivera consciência de ter registado e que, talvez porque faziam parte da sua vida quotidiana, não lhe tinham despertado a atenção naquele momento.

As paredes do quarto haviam sido em tempos revestidas de um papel de parede do qual restavam apenas pedaços. Nestes, descobriam-se personagens vestidas como no tempo dos reis. Num dos fragmentos, perto da porta, figurava uma mulher de saias muito largas a andar de baloiço.

O resto era estuque, amarelecido, sujo, marcado com iniciais esculpidas à faca e com desenhos que representavam os órgãos sexuais e que alguém tentara apagar. Quem os teria desenhado? Quem teria tentado fazê-los desaparecer?

Não fora certamente a mãe dele. No verão, não a incomodava andar nua pelo quarto, ou mesmo pela cozinha. Antes de o apanhar num carrapito grosso e ruivo, o cabelo caía-lhe até aos rins e, por baixo do ventre um pouco roliço, os pelos eram muito finos e ligeiros, do mesmo tom claro que os cabelos de Alice.

Era uma mulher alegre e, não raro, quando tinha tempo de limpar a casa, fazia-o cantando.

As enxergas de palha eram castanhas, de um tecido espesso e áspero, salvo a de Vladimir, que era azulada. Só havia lençóis no leito de nogueira e no berço esmaltado.

“Alice! Vai aquecer o biberão da tua irmã.”

“Porque é que sou sempre eu?”

E a ele, quem lhe teria dado o biberão? Os gémeos só tinham mais três anos do que ele, e Alice, quatro anos e meio. Teria sido Vladimir que, quando Louis nascera, tinha oito anos?

Não era ainda assaltado por estas perguntas, a não ser por uma ou outra, das mais simples, que não o atormentavam, porque tudo lhe parecia natural. Mais tarde, muito mais tarde, interrogar-se-ia